

RESENHA:

A HISTERIA REVISITADA: HISTORICIDADE, DIAGNÓSTICO E CLÍNICA

JORGE, Marco Antonio Coutinho e TRAVASSOS, Natália Pereira. HISTERIA E SEXUALIDADE: Clínica, estrutura, epidemias. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.p.192.

Carla Cristina Braga Valota Esteves¹

Tiago Ravello²

Adriana Rita Sordi³

Em “Histeria e Sexualidade”, segundo livro da trilogia sobre a sexualidade contemporânea, os autores Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos apontam para uma perspectiva psicanaliticamente rigorosa entre esses temas no que se refere às estruturas de base para a constituição psíquica do ser falante e a posição discursiva fundamental do sujeito no mundo. A psicanálise foi inaugurada nos alicerces da histeria cujas manifestações trouxeram à baila o funcionamento do inconsciente para cena analítica, e posteriormente, pôde ser compreendida como uma psicopatologia da vida cotidiana, dissolvendo, assim, a ideia de uma afecção patologizante.

Para a psicanálise a histeria tem um valor teórico e social em sua própria história, ou melhor, da historicidade do inconsciente. Suprimida pela psiquiatria

¹ Psicóloga. Psicanalista em formação, membro fundador do núcleo Dourados – MS. Escola de Psicanálise do Corpo Freudiano. E-mail: carlavalota@yahoo.com.br. Telefone: 67 999473110. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5063-367X>

² Psicólogo. Psicanalista, membro do núcleo Dourados – MS. Escola de Psicanálise do Corpo Freudiano. E-mail: tiagoravello@yahoo.com.br. Telefone: 67 981531180. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1723-9793>.

³ Psicóloga. Psicanalista em formação, membro do núcleo Dourados – MS. Escola de Psicanálise do Corpo Freudiano. E-mail: drisordi@hotmail.com. Telefone: 67 996347018. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4064-210X>

contemporânea, os autores fazem questão de traçar um panorama histórico instigante ao longo das diferentes épocas, se valendo da expressão dada por Freud em 1888, *Epidemias da Histeria*, e, anunciam uma nova roupagem assumida na virada do milênio: a histeria de gênero.

Dividido em cinco partes, o livro se desdobra à clínica, estrutura e epidemias de histeria e recorre cuidadosamente a teoria dos discursos empreendida por Lacan. Com linguagem acessível, a qual ultrapassa as fronteiras das reservas científicas, ao final do volume é disponibilizada uma tabela que sintetiza o essencial da álgebra lacaniana, um auxílio precioso para que o leitor possa compreender melhor os principais matemas.

Com rigor, essa pesquisa em psicanálise dialoga com a história, a sociologia e a psiquiatria. Em seu primeiro capítulo faz jus a materialidade da palavra, retratando a histeria na história em suas mais diversas vertentes e épocas. Pontua seu caráter “migratório” em sua sintomatologia, desde a Idade Média onde havia uma forte aproximação entre os fenômenos históricos e a possessão demoníaca, perpassando pelo *Manual Malleus Maleficarium* que identificava as feiticeiras possuídas sendo estas torturadas a fim de purificarem suas almas. No Renascimento, as causas sobrenaturais perderam força e o interesse da medicina se fez presente. Hipócrates no sec. IV a.C. já relacionava a histeria ao útero, levando a crer por séculos que a moléstia acometia exclusivamente as mulheres. E a partir do século XVIII, passa então a ser pertencente as incorrências do sistema nervoso central. Apesar disso, a histeria sempre se manteve atrelada as questões da sexualidade, fato constatado no palco da Salpêtrière com Charcot e os ouvidos atentos de Freud. No século XIX, sob o epíteto de enganadora pela psiquiatria francesa, passaram a ser identificadas por uma “loucura moral”. E, finalmente no século XX, atravessado pela globalização, internet e ciência, em um contexto extremamente capitalista, a chamada sociedade de consumo por meio da medicalização do afeto exhibe o desaparecimento súbito da histeria nos anais psiquiátricos, e, a retaliação do sujeito que coloca em cena a diferença, a singularidade, e o lugar do desejo sucumbido pela tentativa de universalização da massa.

No segundo capítulo, intitulado *Histeria e Clínica*, o conceito de sugestão toma o seu lugar responsável pela construção do que mais tarde viria a ser denominado fenômeno de transferência, fundamento pelo qual uma análise pode operar.

Referindo-se à pesquisa sobre o conceito de sugestão, os autores identificaram estudos como por exemplo o de Gustave Lebon, no qual alegam elementos da sugestão nos processos grupais: o sentimento de poder; o contágio e a sugestão. Por conseguinte, nos é apresentada uma sugestionabilidade ligada à própria constituição subjetiva da vida cotidiana, concluindo o quanto somos altamente sugestionáveis, pois, de acordo com as contribuições de Freud e Lacan é indiscutível a força que tem as palavras nas construções psíquicas e suas reverberações no laço social.

Mas é com Lacan que os questionamentos de Freud sobre a sugestão são respondidos: “Para o sujeito se constituir como falante, não há como não se alienar nos significantes do Outro”. (LACAN apud JORGE E TRAVASSOS, 2021, p. 44). Com esse ilustre conceito, sabemos que diante do desamparo fundamental da vida humana, os eleitos grandes Outros operam para a constituição do universo inconsciente no discurso que nos atravessam, por meio dos seus significantes: O significante é imperativo, o que nos faz inferir a afirmativa de que o Outro seja a língua, a classe social, o lugar da prole, a época, a cultura.

Os autores também desdobram minuciosamente sobre a relação entre sugestão e o conceito de identificação nas formas de: constituição subjetiva; da própria sugestão hipnótica; e, sobretudo, na forma de contágio, pronunciando o que Lacan denomina por Alienação. A alienação inerente a subjetividade humana por meio da malha de linguagem marca o sujeito que, na sua estrutura de base, histórica, sofre as incidências do Outro sobre ele. Desse modo, cabe ressaltar que a noção de epidemia é tratada aqui, pela via do contágio psíquico na intersecção entre discursos, assim sendo, a posição do sujeito histórico é organizada a partir do discurso dominante de uma época, como bem ilustrou a história das epidemias históricas: Na época da caça às bruxas, a histeria estava atrelada a uma possessão demoníaca, dirigida ao discurso do mestre em voga: o discurso religioso. Hoje, nos deparamos com alguns rearranjos da histeria pela via das enfermidades orgânicas, do culto ao corpo e outros, apontando então para o discurso atualmente dominante: o da ciência.

Por conseguinte, no terceiro capítulo, a histeria é desenvolvida de maneira requintada a partir de sua concepção estrutural onde abordam o entendimento sobre a pulsão, a fantasia e o sintoma. “Freud já havia sublinhado o paradoxo da posição histórica em relação à sexualidade: uma grande necessidade sexual aliada a uma profunda aversão ao sexo” (FREUD apud JORGE E TRAVASSOS, 2021, p.73). Alcançamos aqui um dos ápices dessa leitura: Diante da não inscrição da diferença

sexual no inconsciente há sempre uma questão a qual somos atravessados em nossas vidas: Sou homem ou sou mulher? Contudo, sem uma marcação instintual como a dos animais, o sujeito investido libidinalmente será marcado pelo Outro na sua tenra infância e adolescência, de modo a trilhar sua constituição subjetiva e sua escolha de objeto. A histeria de base coloca tal questão em evidência e se configura a responder o que não há resposta definitiva, pois cada um, na sua amarração Simbólica, Imaginária e Real cria uma explicação para o que não há inscrição. Neste momento, estamos de frente a questão da bissexualidade estrutural, com gostinho de quero mais, pois tal conceito será trabalhado no terceiro livro da trilogia. Conclui neste capítulo a questão estruturante histórica evidenciada pela contestação frente a não resposta do discurso dominante da ciência. E o que se contesta?

Um dos pontos preciosos do livro que nos conduz ao quarto capítulo, é que a histeria sempre se empenhará em responder a verdade sobre o sexo pautada na interrogação das possíveis afirmações que lhes são apresentadas pelo mestre. O sujeito quer saber sobre o sexo e pede ao mestre que produz esse saber, logicamente, orbitando o saber dominante de cada época, fato esse o qual leva a produção de uma epidemia psíquica. O que interrogam? Interrogam a completude do saber: “ela quer um mestre sobre o qual ela reina e ele não governe” (LACAN,1969). A leitura nos instiga a pensar ao longo da história, as mais diversas rasteiras dadas nos mestres que ousaram responder completamente as históricas sobre a verdade do sexo e o encontro com a felicidade. Somente Freud escapou desse lugar. Com o estudo das epidemias de histeria, constatamos que é sempre possível localizar o mestre a partir da histórica.

Caminhamos para o último capítulo: As epidemias de histeria. A epidemia utilizada de forma metafórica diz no tocante a um fenômeno de disseminação acentuada e rápida de um comportamento ou uma ideia, sendo um termo consagrado no campo da história da psiquiatria e da psicanálise. Os autores privilegiam algumas delas: Epidemia da dança; Epidemia das Abduções extraterrestres; Epidemia histero-demonopática; Síndrome de Fadiga Crônica; Epidemia da Personalidade Múltipla e outras um tanto inusitadas. Quanto as epidemias contemporâneas estão presentes os fenômenos da Baleia Azul, da autoflagelação entre os adolescentes, e, acima de tudo ao sintagma proposto neste livro que é a chamada histeria de gênero.

Sendo um código de vestimenta da cultura num determinado momento, a histeria de gênero não designa um viés patológico, mas, fomentada pela afirmativa de Lacan em que ninguém autoriza a sexualidade de ninguém, surge a hipótese de que nesse contexto contemporâneo a histeria encontra um lugar ideal para questionar, decantar e depurar a verdade sobre o sexo, explícito por intermédio das nomeações compulsórias de identidade de gênero, na tentativa de apreender a própria sexualidade. Em 2014, foram encontradas 56 nomes para identidades de gênero: Em tempos de globalização reivindica-se um nome para o inominável, a cultura assume a mestria, assim, o sujeito desprovido do saber sobre o próprio sexo e movido pelo conflito psíquico que opõe a demanda de satisfação pulsional às restrições culturais, apazigua seu mal-estar através da marca de uma identidade sexual consistente.

Mesmo advertidos por Freud e por Lacan de que sempre haverá um mal-estar ligado à sexualidade, se acredita em que haja possibilidades de conviver com isso sem precisar de definições da sexualidade a qualquer custo. Por outro lado, a busca incessante favorece a fluidez e denuncia as formas de normatização do sujeito. A problematização intensa da classificação binária dos gêneros reflete uma posição francamente histórica, considerado, assim, um caráter salutar e heroico. Findamos com uma leitura que nos convoca a refletir e criar entre os pares a permanente formação do analista alcançando em seu horizonte a subjetividade de cada época.

RECEBIDO EM 16/12/2021

APROVADO EM 17/12/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO